

ENCONTRO CONSIGO E COM O OUTRO: TECENDO SUBJETIVIDADES EM NARRATIVAS DE UMA *PESQUISA*FORMAÇÃO NA PANDEMIA

ENCUENTRO CONTIGO Y CON LAS OTRAS: SUBJETIVIDADES TEJIDAS EN
NARRATIVAS DE UNA INVESTIGACIÓN EN PANDEMIA

Joelson de Sousa Morais¹
Inês Ferreira de Souza Bragança²

RESUMO: O presente texto tem como objetivo refletir acerca das potencialidades da produção de subjetividades, tecidas em narrativas (auto)biográficas do encontro consigo e com o outro, no contexto de uma *pesquisa*formação, em período de pandemia. Configura-se como uma pesquisa qualitativa, caracterizada como um relato de experiência, na qual traz narrativas (auto)biográficas de cinco (05) sujeitos, que participaram dos encontros virtuais de um ciclo de estudos, criado na pandemia, e compartilharam, coletivamente, as suas narrativas (auto)biográficas dos percursos trilhados, evocando memórias, histórias e reflexões de si, das leituras realizadas e dos tantos outros aspectos contemplados, durante os encontros que os fizeram lembrar, mediados por afetos, emoções e subjetividades, apreciados na narração. Os dispositivos metodológicos materializados nos encontros do ciclo de estudos, e com os quais foi possível ter acesso às fontes narrativas, foram: o diário de pesquisa, as narrativas escritas e as memórias (auto)biográficas. Os resultados da pesquisa revelaram a potencialidade do gênero da narrativa escrita efetuando-se como uma tessitura de subjetividades que foi desbravando um universo simbólico-existencial do sujeito, ao descobrir-se em produções de si, revelando marcas do ser, de fazer-se e de estar na vida, profissão e formação, tecidas cotidianamente. Portanto, as narrativas caracterizam-se como uma linguagem fundamental para instituir um processo de significação da vida e da realidade, no qual está imerso o sujeito.

Palavras-chave: Subjetividade; escritas narrativas; *pesquisa*formação; encontros virtuais; aprendizagem pela experiência coletiva.

RESUMEN: El presente texto busca reflexionar sobre las potencialidades de producción de subjetividades tejidas en narrativas (auto) biográficas del encuentro contigo y con el otro en el

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professor Substituto da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus Codó (MA).

² Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora-Portugal, Pós-Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP e docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Coordena o Grupo Interinstitucional de *Pesquisa*formação Polifonia, vinculado ao GEPEC (UNICAMP) e ao Vozes da Educação (FFP/UERJ).

contexto de una formación investigadora en un período pandémico. Se configura como una investigación cualitativa, caracterizada por un relato de experiencia, en el que trae narrativas (auto) biográficas de 05 (cinco) sujetos, quienes participaron en los encuentros virtuales de un ciclo de estudios creados en la pandemia y compartieron colectivamente sus narrativas (auto) biográficas de los caminos recorridos, que evocan recuerdos, relatos y reflexiones de sí mismos, las lecturas realizadas y los muchos otros aspectos contemplados durante los encuentros que les hicieron recordar, mediados por afectos, emociones y subjetividades contempladas en la narración. Los dispositivos metodológicos utilizados en el contexto de la investigación-formación materializada en las reuniones del ciclo de estudio, y con los que se pudo acceder a las fuentes narrativas, fueron: diario de investigación, narrativas escritas y memorias (auto) biográficas. Los resultados de la investigación revelaron el potencial del género de la narrativa escrita como tejido de subjetividades que exploraba un universo simbólico-existencial del sujeto, al descubrirse a sí mismo en producciones, revelar marcas de ser, hacerse y estar en la vida, profesión y formación que tejían a diario. Por lo tanto, las narrativas se caracterizan como un lenguaje fundamental para instituir un proceso de significar el discurso y la realidad en la que se encuentra inmerso el sujeto.

Palabras clave: Subjetividad; escritos narrativos; formación investigadora; reuniones virtuales; aprender a través de la experiencia colectiva.

1 Palavras iniciais

Uma história daqui, outra acolá... E os fios vão entrelaçando-se, compondo a existencialidade nossa e dos sujeitos com os quais partilhamos as experiências de vida e de formação em narrativas tecidas nos encontros virtuais para não ficarmos no esquecimento. Em tempos cada vez mais caracterizados por incertezas e instabilidades, que nos cercam neste momento, em decorrência da pandemia da Covid-19, produzir outras possibilidades de encontros consigo e com o outro tem sido um desafio permanente, sobretudo, no que diz respeito à dimensão pessoal do encontro de forma presencial.

Intencionamos neste texto refletir acerca das potencialidades da produção de subjetividades, tecidas em narrativas (auto)biográficas do encontro consigo e com o outro no contexto de uma *pesquisaformação*³ em período de pandemia. Uma reflexão indagadora nos impulsiona a situar-nos neste texto: De que forma, podemos produzir subjetividades, por meio das narrativas (auto)biográficas dos percursos de *pesquisaformação* em encontros consigo e com o outro, no período de pandemia?

A metodologia da *pesquisaformação* inscreve-se como um movimento, em que o sujeito pesquisa e forma-se, simultaneamente, produzindo conhecimentos, aprendizagens e formação, em itinerários da pesquisa nos quais se lança, mediatizados por uma tomada de consciência e uma conseqüente transformação de si com o outro (JOSSO, 2010). Nesse sentido, criamos uma

³ Juntar duas ou mais palavras é um modo de ultrapassar as lógicas preconizadas por um modelo hegemônico de conhecimento, no qual, tem a intenção de produzir outros tantos significados, proporcionando, assim, a invenção de outros conceitos. Optamos por essa forma de escrita neste texto, como uma opção política e *teóricometodológica*, fundamentando-nos pelos estudos nos/dos/com os cotidianos com os quais nos respaldamos em Nilda Alves (2003). Essa e outras palavras juntas aparecerão, neste texto, em itálico com este sentido.

forma de estabelecermos uma ponte com outros tantos professores-pesquisadores-narradores, por meio de um grupo fechado, intitulado *Ciclo de Estudos: pesquisaformação narrativa (auto)biográfica em tempos de coronavírus (CICLOPE)*⁴, no qual desenvolvemos a experiência de produzir e compartilhar narrativas (auto)biográficas de modo virtual pelo *Google Hangouts*.

É-nos caro refletir acerca do tema da subjetividade, por situar-se no âmbito da produção de si, que se circunscreve como uma dimensão importante nas ciências humanas, permitindo questionar quaisquer tipos de racionalidades técnica e instrumental que possam emergir no campo da educação, buscando apagar as experiências instituintes e transformadoras que possam se configurar na vida, experiência e aprendizagem do sujeito, como ator e autor das suas próprias histórias. Nesse sentido, “é em meio a virada atual da subjetividade, ou para alguns, da de subjetivação, que cumpre olhar com mais atenção para a pessoa em formação, de que ponto de vista ela percebe seu modo de ser, de conceber o mundo e de se conceber no mundo”. (PASSEGGI, 2016, p.72)

Trazer as narrativas (auto)biográficas como um dispositivo privilegiado em que se consolidam processos reflexivos de tomada de consciência do sujeito, pelo que pensa, faz e empreende em suas trajetórias percorridas, é um modo de agenciamento de subjetividades, no qual cada um produz a si próprio, em articulação com os tantos outros, que nos constituem em múltiplos contextos, nos quais nos enredamos e estabelecemos relações. Por isso, elaborar uma história de si e compartilhá-la em grupos, no meio virtual, tem sido uma possibilidade valorosa de tecermos subjetividades que vão se compondo de modo pessoal e, coletivamente, com os outros, fazendo-nos enxergar outros tantos de nós pelas narrativas (auto)biográficas, compostas nesse movimento dos encontros compartilhados, que, por vezes, foram esquecidos, durante o período de isolamento social, enfrentado por nós, entre os anos de 2020 e 2021.

Tal experiência, a de produzir subjetividades em narrativas (auto)biográficas, tem nos mostrado a riqueza e, ao mesmo tempo, as diferentes saídas encontradas para evitar problemáticas que pudessem reverberar de forma impactante em nossa qualidade de vida, as quais pudessem trazer consequências a nossa saúde, envolvendo as emoções, os estados de ser e estar e, até mesmo, a possibilidade de darmos continuidade aos nossos estudos e *pesquisaformação*, os quais estamos produzindo no cotidiano da nossa existencialidade.

Buscamos, assim, tecer um diálogo, neste texto, com pensadores que vêm nos acompanhando em nossas reflexões e produção de conhecimentos, dentre os quais figuram no campo da abordagem narrativa (auto)biográfica e da filosofia da linguagem, as contribuições de Paul Ricoeur, Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin, Marie Christine Josso, Maria da Conceição Passeggi, Inês Bragança, e outros. Quanto às reflexões, acerca da tematização da subjetividade, respaldamo-nos, sobretudo, no campo da filosofia com: Gilles Deleuze, Félix Guattari e Marcos Villela Pereira. Baseando-se nesses autores, de certo modo, entrelaçamos três correntes teórico-epistemológicas, as quais permitem a construção do conhecimento científico, perspectivado, situada no campo: da subjetividade, da abordagem narrativa (auto)biográfica e da filosofia da linguagem.

Assim, trazemos narrativas (auto)biográficas de cinco (05) sujeitos, que participaram dos encontros virtuais do CICLOPE e compartilharam conosco as suas narrativas (auto)biográficas dos percursos trilhados, evocando memórias, histórias e reflexões de si, das leituras realizadas e

⁴ Grupo este inserido dentro do Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação* Polifonia (UNICAMP/UERJ), vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC/UNICAMP) e ao Grupo de Pesquisa Vozes da Educação (UERJ/FFP).

dos tantos outros aspectos contemplados, durante os encontros, que os fizeram lembrar, produzidas por afetos, emoções e subjetividades, apreciados na narração.

O que tematizamos, neste texto, é fruto da nossa experiência, a partir da qual, passamos a produzir subjetividades conosco e com o outro, por meio das narrativas (auto)biográficas que fomos, durante um período de aproximadamente seis meses, realizando encontros virtuais semanalmente, em que produzimos e compartilhamos narrativas (auto)biográficas dos processos de aprendizagem, construção do conhecimento e *pesquisaformação*, nas quais fomos refletindo, nesse *espaçotemporal*, e que serão discutidos com maior profundidade nas linhas, a seguir.

2 Dos itinerários metodológicos trilhados na *pesquisaformação*

A ideia dos encontros que realizamos, por meio do CICLOPE, fora inicializada, primeiramente, pela elaboração de uma proposta por escrito, contendo: 1) objetivos; 2) programação com as temáticas e os respectivos autores que iriam subsidiar as discussões; 3) dinâmica metodológica e de participação nos encontros; 4) cronograma de realização das atividades; 5) referências que seriam contempladas pelas leituras e discussões dos textos; 6) breve contextualização do surgimento da ideia do CICLOPE, pautando-se em uma produção reflexiva, a qual trazia a história do nome do grupo, cuja origem, retoma a mitologia grega.

Os participantes do grupo foram convidados, por intermédio das redes sociais e por e-mail, mediatizados pelo grupo de pesquisa, do qual fazemos parte⁵, envolvendo os integrantes desse grupo, que, logo depois, foi expandindo-se para outros sujeitos, contemplando professores e professoras pesquisadores/as inserido/as, seja no contexto da formação inicial em cursos de licenciaturas, ou em formação *strictu sensu* (mestrado e doutorado), e professores e professoras da Educação Básica, de diferentes regiões do Brasil. Dentre os participantes do CICLOPE, mencionamos aqueles oriundos dos estados do: Maranhão, Piauí, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Rondônia, Pará e Rio Grande do Norte, bem como pesquisadores internacionais, originários de Portugal.

A dinâmica do CICLOPE aconteceu da seguinte forma: todas as quintas-feiras, reuniamo-nos pela plataforma digital *Google Hangouts*, no horário das 15h às 17h, portanto, com duração de duas horas. Em cada encontro, havia a leitura de duas ou três narrativas, no início, escolha de um dos participantes que nos enviava o texto, previamente, por e-mail, para termos ciência e, após, lermos, individualmente, produzíamos outra narrativa em diálogo com a que tínhamos recebido e a enviávamos para a pessoa novamente. No dia do encontro, nós, os coordenadores desse grupo, líamos a(s) narrativa(s) de quem nos enviara, e a pessoa, em contrapartida lia a nossa narrativa, compartilhada com ela, anteriormente.

Nesse movimento, estabelecíamos relações com o texto do dia do encontro, trazendo inúmeras reflexões, entendimentos e compreensões. A dinâmica se dava em formato de roda de conversa, ficando aberta a participação de cada pessoa, a qual poderia se manifestar como quisesse para expor o seu pensamento, a fim de ser entretido um debate, articulando experiência, conhecimento e aprendizagem, permeados pela *pesquisaformação*, produzida pelos sujeitos envolvidos, de acordo com as suas especificidades.

⁵ A segunda autora deste texto é a coordenadora do respectivo grupo que é o Polifonia, envolvendo duas instituições de ensino superior, a UNICAMP e a UERJ/FFP, cujo primeiro autor é integrante desse grupo, como pesquisador.

Para a leitura e a discussão dos textos, primamos por autores que, de algum modo, pudessem se articular ou fazer parte do campo das narrativas (auto)biográficas, situando a metodologia da *pesquisaformação* e pensando outras tantas possibilidades de produção do conhecimento científico, entre os quais, com os contributos de: Marie Christine Josso, Christine Delory-Momberger, Paul Ricoeur, Walter Benjamin, Ivor Goodson, Mikhail Bakhtin, Boaventura de Sousa Santos, Michel de Certeau, Gilles Deleuze e Edgar Morin.

Assim, a proposta do CICLOPE foi tecida, primeiramente, pela *pesquisaformação* de doutorado em educação que está sendo produzida pelo primeiro autor deste texto, orientada pela segunda autora, buscando aprofundar reflexões, aprendizagens e conhecimentos construídos, a partir da perspectiva singular-plural, indicada por Josso (2010), em que, ao mesmo tempo, produzimos conhecimentos e nos formamos nesse processo, mediado pela pesquisa, individualmente, também constituímos e somos constituídos, coletivamente, com os muitos outros que passaram a alargar os campos de conhecimentos e experiências tecidos, narrativamente, nos encontros realizados ao longo do ciclo de estudos.

Das narrativas escritas, produzidas pelos participantes, enviadas por e-mail, lidas, compartilhadas e refletidas, pelo grupo, nos encontros virtuais pelo *Google Hangouts*, fomos percebendo a potencialidade de uma produção de subjetividades, vivenciada no formato de encontros *online*, a qual descortinou um horizonte de possibilidades de aprendizagem e formação coletiva, envolvendo, inclusive, as professoras iniciantes, participantes da *pesquisaformação* do doutorado em educação, desenvolvida pelo primeiro autor do presente texto.

As narrativas dos participantes do CICLOPE, produzidas e compartilhadas entre nós, coordenadores do grupo, junto com quem foi escrevendo, suscitou um misto de sensações, afetos e emoções reveladas, durante os encontros, envolvendo a todos os participantes de cada encontro, sendo lidas, sempre ao início.

Além da leitura das narrativas dos participantes do CICLOPE em cada encontro, tínhamos a contribuição de algum professor ou professora pesquisador/a, de outras instituições, convidados e que fizeram apresentações/palestras, amplificadas com a participação dos membros do grupo, que trouxeram outras tantas experiências de si, questionamentos e problematizações, de acordo com o que gostariam de evocar, mobilizados pelo o que lhes afetavam ou pelo que eram provocados pela fala do/a palestrante.

Partilhamos as narrativas dos sujeitos participantes do grupo, mediante a autorização de cada um/a por escrito, para que pudéssemos socializar em diversos meios de divulgação científica, no âmbito dos estudos, pesquisa, publicações e outras formas de compartilhamento. Nesse sentido, os nomes dos professores narradores participantes da *pesquisaformação* autores das narrativas a seguir, são verdadeiros, conforme escolheram e autorizaram para que fossem usados, a saber: Camila, Ingrid, Joelson, Sílvia e Thaís.

Como o formato das atividades do CICLOPE foram permeadas por uma formação e aprendizagem constantes, propusemos, desde o princípio, que a participação nos encontros iria ser certificada, e que, assim, o fizemos, enviando o certificado de participação para aqueles que estiveram presentes, em no mínimo 75% das atividades.

O primeiro encontro do CICLOPE, em 2020, aconteceu no dia 30 de abril e o último, no dia 1º de outubro, com a palestra final proferida pela profa. Dra. Maria da Conceição Passeggi, sobre o tema *Experiência vivida, experiência narrada: potencialidades da pesquisa-formação*, trazendo reflexões no campo das narrativas (auto)biográficas, em que fizemos a mediação e foi

transmitida via plataforma digital YouTube⁶, envolvendo diferentes participantes de várias partes do Brasil, além dos membros do grupo.

As reflexões, que, neste texto, são apresentadas, são fruto, da construção dos dispositivos metodológicos, utilizados no contexto da *pesquisaformação*, materializados nos encontros do CICLOPE: o diário de pesquisa, as narrativas escritas e as memórias (auto)biográficas. Estes três dispositivos entrelaçaram-se, permitindo a construção do conhecimento científico materializada neste artigo.

O diário de pesquisa foi um recurso metodológico privilegiado, no qual fomos, ao longo dos encontros, registrando por escrito, nossa experiência suscitada pelas afetações, marcas deixadas em nós, e do que consideramos relevante, para não passarem despercebidos os acontecimentos. A esse respeito, salientamos que “[...] no movimento da memória, olhamos o passado e encontramos faíscas, lampejos, fragmentos que se articulam e compõem o sentido de nossa trajetória de vida, de determinadas etapas ou acontecimentos”. (BRAGANÇA, 2012, p.100)

Ao recorrermos à memória, como dimensão potencializadora da produção de si, no presente, como tessitura de subjetividades, corroboramos que esta prática de rememoração dos acontecimentos é crucial na pesquisa científica e na construção do conhecimento. Diante do exposto, lembramos de Ricoeur (2007, p.37), que nos conduz a pensar que “[...] o ato de se lembrar produz-se quando transcorreu um tempo. E é esse intervalo de tempo, entre a impressão original e seu retorno, que a recordação percorre. Nesse sentido, o tempo continua sendo a aposta comum à memória-paixão e à recordação-ação”.

Ou seja, à medida que nos lembramos de algum acontecimento que experienciamos, passamos a evocar o que mais nos afetou, mexeu conosco e nos marcou, produzindo, assim, o que acreditamos ser uma “memória-paixão”, pois, implicou em um movimento de situar-nos, subjetivamente, com nossas emoções e sentimentos, ao mesmo tempo, em que foi efetuada uma “recordação-ação”, do acontecimento, sendo recuperado, no momento presente, com as lembranças e as memórias que conseguimos ter do passado.

Com relação ao perfil dos participantes do CICLOPE, dos quais trouxemos suas narrativas, neste texto, um é do sexo masculino (Joelson) e as outras quatro professoras são do sexo feminino (Camila, Ingrid, Sílvia e Thaís). E quanto às narrativas, apresentamos apenas alguns fragmentos, tendo em vista a aproximação e o dimensionamento com a proposta tematizada, neste texto, em relação à produção de subjetividades, mediadas pela escrita narrativa de *pesquisaformação*, as quais estamos tecendo cotidianamente, e que são reveladas, a seguir.

3 Múltiplas linguagens, produzindo subjetividades nas escritas narrativas de *pesquisaformação*

A narrativa é um gênero do discurso, no qual se materializam as experiências vividas pelo sujeito, mediadas pela reflexividade (auto)biográfica⁷ sobre os percursos trilhados no

⁶ Organizado e transmitido pelo portal de Educação à Distância (EaD) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b1nb9O9JkQ8>.

⁷ Compreendemos a reflexividade (auto)biográfica como “[...] uma disposição da criança, jovem ou adulto a se voltar sobre si mesmos para explicitar o que sentem ou até mesmo perceber que fracassam na tarefa da biografização, ao reelaborarem, narrativamente, a experiência vivida”. (PASSEGGI, 2016, p.78)

decurso da sua existencialidade. Existem diferentes dispositivos e linguagens, em que as narrativas podem ser elaboradas, pelo sujeito, para expressar a sua subjetividade e os modos de pensar, fazer e estar sendo, dentre os quais, em forma escrita, oral, imagética, pictórica, musical, audiovisual, entre outros. O modo como cada um expressa as suas linguagens, narrativamente, vai depender da forma como se sente confortável para exteriorizar a sua subjetividade e as razões e escolhas que faz para tornar possível a consolidação dos seus universos simbólicos-existenciais, em que possa se manifestar. Convém, portanto, elucidar que “[...] a subjetividade produz-se como movimento de emergência de figuras de existência pela atualização de uma trama de forças visíveis e invisíveis que se tece em uma determinada circunstância”. (PEREIRA, 2016, p.119)

No contexto da *pesquisaformação* na abordagem narrativa (auto)biográfica, a sua importância revela-se, pelo fato de que o pesquisador está se formando, aprendendo e se (auto)formando no decurso do processo de pesquisar, juntamente com os sujeitos que fazem parte da pesquisa, aí reside o potencial de transformação e emancipação, pois, vamos, paulatinamente, delineando outras tantas possibilidades de construção do conhecimento e produção de si, o que reforça a dimensão enriquecedora da tessitura e do agenciamento da subjetividades na vida, experiência e formação do pesquisador, em articulação com os outros tantos que o estão constituindo coletivamente.

As atividades que viemos desenvolvendo na experiência do CICLOPE e de outras, nas quais estamos engajados, as qualificamos de *pesquisaformação*:

Porque a atividade de pesquisa contribui para a formação dos participantes no plano das aprendizagens reflexivas e interpretativas, e situa-se em seu percurso de vida como um momento de questionamento retroativo e prospectivo sobre seu(s) projeto(s) de vida e sua(s) demanda(s) de formação atual. (JOSSO, 2007, p.421)

Assim, o sujeito, permeado pelos movimentos, trilhados em sua jornada existencial, formativa e experiencial, vai compondo possibilidades reflexivas de si, tomando consciência, fazendo emergir transformações potenciais, modificadoras dos estados de ser e estar; tecendo, portanto, outras tantas subjetividades que vão, sempre, ligando-se a novos e diferentes fios, e dando outras feições de si, em articulação com o meio, com as coisas e com os sujeitos à sua volta.

Em uma das narrativas (auto)biográficas produzidas por um dos idealizadores do CICLOPE, mostram-se os princípios e os propósitos da criação desse ciclo de estudos, no período da pandemia. Vejamos o que se diz, na narração:

A criação desse pequeno, porém, ousado e complexo projeto que chamo de CICLOPE, que é o Ciclo de Estudos: *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em tempos de coronavírus, se insere dentro do contexto desse confinamento, como uma possibilidade outra dialógica de estabelecer aproximações e reflexões que põe em articulação não apenas os processos humanos e circunscritos ao acontecimento acidental dessa pandemia, mas, sobretudo, uma forma de fazer um convite à vida, a um *sentirpensarfazer* em que, coletivamente, possa esgarçar as portas de um universo restrito pelo

isolamento, gerando potência e transformações promovidas por sensibilidade, envolvimento e a construção de saberes, experiências e conhecimentos de variados âmbitos e contextos, dando primazia a um leque de outras tantas reflexões propiciadas pela abordagem narrativa da *pesquisaformação* no campo da educação (Narrativa, Joelson, 23/abril/2020).

É possível notar o sentido de uma coletividade, que se corporifica como um modo de tecer a existência e a produção de si, subjetivamente, em que, pelo narrar do Joelson, compõe-se em trocas dialógicas e outras tantas dimensões de si, percebendo-se e permitindo-se a outras reflexões compartilhadas com os sujeitos, com os quais almeja estabelecer relações, e que fora pensado, reflexivamente, na escrita narrativa elaborada antes que os encontros do CICLOPE acontecessem.

Na narrativa acima, está subjacente um componente prático, que situa o movimento entre um si mesmo com o outro, para produzir outras tantas possibilidades de aprendizagem, formação e construção do conhecimento. Por isso, corroboramos que “[...] se a relação não se separa das circunstâncias, se o sujeito não pode separar-se de um conteúdo singular que lhe é estritamente essencial, é porque, em sua essência, a subjetividade é *prática*” (DELEUZE, 2012, p.125). Tanto é assim, que o grupo CICLOPE foi criado, como experiência rizomática de articulação com professores pesquisadores narradores de diferentes regiões e instituições do Brasil, interessados pela temática da *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em educação, sobretudo, neste período de pandemia, em que estamos confinados, modificando as formas de estabelecimento das relações sociais, evitando todo e qualquer tipo de contato presencial, como modo de preservação e valorização da vida.

Diante das discussões, até o momento, refletidas, nos vem um questionamento salutar: Como a subjetividade é capaz de transformar o sujeito, a partir do olhar que tem de si pelas narrativas escritas dos movimentos de uma *pesquisaformação*?

Pensamos que isso se dá, a partir do momento, em que se situa uma reflexividade que não mais é o ato em si, praticado, mas, pensado, memorado e transformado em uma multiplicidade de sensações, emoções e formação consciencial no presente, que o transforma e suscita outras tantas possibilidades de aprendizagem e (auto)formação no decurso da *experiênciavida* e *experienciaformação*, que podem ser ainda mediadas pela pesquisa a que estão atreladas.

Refletimos, ainda, que não concebemos, de forma polarizada, a ideia de subjetividade opondo-se à objetividade, mas ambas, retroalimentam-se, compondo o tecido experiencial da vida. Ou nas palavras de Ricoeur (2010, p.163), “[...] a subjetividade não é uma prisão e a objetividade não é a libertação dessa prisão. Longe de lutarem entre si, subjetividade e objetividade se adicionam”. Assim, valorizamos a subjetividade, como um processo em constante mutação, em que o sujeito está a fabricar, engenhosamente, ao mesmo tempo, a tecer, sendo implicado pelos movimentos e contextos, os quais o atravessam, mediados pelas múltiplas experiências de vida, aprendizagem e formação pelos quais se entrelaçam ou que surgem em sua existencialidade.

Em uma das narrativas produzidas por uma *ciclopeana*⁸, encontramos uma pluralidade de contextos formativos evocados, que transitavam entre a experiência de estar atuando como professora na Educação Infantil, e os desafios postos a exercer a profissão, neste período de

⁸ Termo que criamos referindo-se aos sujeitos participantes do grupo CICLOPE.

pandemia, bem como o que os encontros estavam promovendo, de reflexão, na docente. Ela “pôs-se em questão”, promovendo uma indagação relevante, fruto desse embate reflexivo, como podemos perceber, a seguir, em sua narrativa:

O que seria da “escrita da vida” sem reconhecermos esse tempo que estamos vivendo? Qual a nossa razão narrativa agora? Eu não sei ao certo, por isso escrevo para você.

Eu, professora de Educação Infantil, nesses tempos, mal conheço o rosto dos meus alunos. Isso me corroí. Sinto saudades dos rostos que mal conheci.

Nós fomos barrados de estabelecermos as nossas relações devido a esse “novo tempo”, esse “novo normal”.

Mesmo com isso, percebo com a leitura e com as relações que estamos criando, que é preciso viver cada instante de nossa vida como uma história. Mas, não temos como deixar de considerar que, essa história que estamos vivendo agora, no mínimo, nos inquieta. (Narrativa, Camila, 21/maio/2020).

Na narrativa acima, são mostradas as constantes provocações indagadoras feitas de si, em um movimento, que se articulou com outros sujeitos, nos encontros do CICLOPE, e a partir da sua própria experiência profissional, como professora na educação da infância, que pôs Camila em um estado de mutações, situando um passado, que efetua-se, no presente, como reflexão, e se projeta no futuro como incertezas do que está por vir.

Colocamos o relato da Camila, em diálogo com Ricoeur (2010), tematizando a temporalidade narrativa, a partir das suas reflexões sobre o filósofo Santo Agostinho, ao dizer que temos um triplo presente: um presente do passado (praticado pela memória), um presente do presente (praticado pela intuição) e um presente do futuro (praticado pela expectativa). O que expressa a narrativa, enquanto linguagem escrita, amalgamada com outras linguagens expressas pela docente, que foram percebidas no encontro do CICLOPE, quando narramos a sua história, são metamorfoses que estão constituindo outras tantas subjetividades na docente, que, até então, não existiam antes, nesses moldes, como vem se apresentando, de formas reflexivas pela escrita das mais variadas e multidimensionais possíveis, acontecendo no presente.

Faz-se mister situar ainda uma reflexão, quanto à potência da experiência subjetiva de uma narrativa (auto)biográfica da *pesquisaformação*, tecida por Camila, em diálogo com as reflexões de Benjamin (2012, p.217) “[...] o narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

Ficamos a pensar nos desafios e descaminhos gerados, atualmente, no mundo, na sociedade e na educação, e lançamos o seguinte questionamento: que outras tantas capacidades inventivas e transformadoras são possíveis de se produzir em um período de crise sanitária como esta, que estamos enfrentando na pandemia da Covid-19? Ampliamos a problematização, refletindo, ainda, que razões, temos para criar outras possibilidades de aprender, nos formar e produzir subjetividades, em contextos de incertezas da vida, da *pesquisaformação* e do desenvolvimento profissional docente?

Toda crise gera mudanças, e quando estas efetuaem-se em um processo de construção de outras possibilidades valorosas, transformadoras e que emergem, em um movimento de si,

produzindo em articulação com um coletivo, melhores são as chances de fazer irromper um estado emocional e, mesmo caótico, que possa se complexificar na qualidade de vida do sujeito, já que põe um conjunto de fatores em situações conflituosas da sua existencialidade.

Esse é o caso do CICLOPE, planejado em um momento, no qual não imaginávamos que iria repercutir de forma tão significativa para a nossa aprendizagem e formação, dando-nos condições de erigir outras zonas de encontro conosco próprio e com os outros, na produção de subjetividades, afetos e emoções, os quais nos aproximaram, mesmo virtualmente.

Mediante essa perspectiva, recuperamos a contundente reflexão feita por Guattari e Rolnik (1996), que, em *Micropolítica: cartografias do desejo*, nos lançam a pensar que a criação do CICLOPE, neste período conturbado de uma pandemia – em que “o mundo parou”, e, conseqüentemente, a escola e as atividades educacionais das mais variadas dimensões precisaram ser ressignificadas – acabou interpretando a construção de “processos de singularização”, que buscaram subverter a modelização da subjetividade, pela qual cada um passou a produzir a si próprio pela escrita narrativa da experiência e *pesquisaformação*, recusando, portanto, o que os autores chamam de “subjetivação capitalística” (p.47), buscando enquadrar os sujeitos em uma lógica hegemônica e restrita à ordem econômica.

Um diálogo narrativo estabelecido com outros dois participantes do CICLOPE, mostra, de forma latente, os processos de transformação pelos quais estão passando, mediados pela reflexividade (auto)biográfica com que cada sujeito faz, produzindo, assim, subjetividades que acabam circunscrevendo como uma marca própria de si, em que se singularizam. Vejamos:

Percebo que o movimento que tento fazer de rememorar o passado, de ser professora, potencializa o meu presente e me dá sentido na construção de projetos futuros, como aceitar trabalhar no Complexo de Formação de Professores (CFP) da UFRJ/2020, onde vou articular a escola básica com a universidade [...].

E minha atuação vai ao encontro desse novo caminho, dessa política institucional de formação inicial e continuada de professores da Educação Básica, me tirando da minha zona de conforto e me levando pra outras experiências.

Essa narrativa foi instigada por vocês, na Relação Eu-Outro, como princípio constitutivo do sujeito, recuperando e explicitando a singularidade e a totalidade do ser, a unicidade do sujeito. Nesse sentido, esse compartilhamento das experiências, vidas e sentimentos nesse momento inédito, me faz pensar que todos somos “*quarentenados*” *aprendizes!!!* (Narrativa, Silvia, 25/agosto/2020).

Aos poucos, fui percebendo o que venho sendo e me constituindo pelo olhar de vocês, e pelas escritas que foram me fazendo viajar e levar a outros tantos *espaçotempos* da vida, experiência cotidiana e *pesquisaformação* em múltiplos enredamentos que foram se descortinando até o presente momento e pelos que ainda estão por vir nos fios a emergir. (Narrativa, Joelson, 25/agosto/2020).

A presença de uma reflexão de si, em articulação com o outro é muito marcante no diálogo estabelecido acima. Além do mais, o componente da subjetividade efetua-se com uma

força potencial, capaz de gerar dimensões transformadoras do sujeito no movimento de produzir a sua existência e os vários contributos da formação, aprendizagem e construção do conhecimento que se misturam de forma preponderante, perpassando os múltiplos contextos, em que estão imersos os professores narradores que estão tecendo, narrativamente, as suas experiências.

Narrar os acontecimentos pelos quais passam os sujeitos, em tessituras caracterizadas por afetações e marcas do que, em sua memória, são possíveis de evocar, são maneiras outras de combater o esquecimento das sensações, emoções e sensibilidades, com que cada um consegue enxergar e transpor, criativamente, na escrita narrativa das experiências trilhadas pelos docentes pesquisadores.

Eis que o “princípio da reflexividade” torna-se o dispositivo privilegiado, pelo qual efetua o sujeito na produção de si, contudo, na produção de uma subjetividade em que se tecem a vida, a formação e as aprendizagens, desencadeando processos transformadores e emancipatórios no ser. Foi o que aconteceu nos encontros do CICLOPE, em que passamos a praticar uma multiplicidade de coisas que nos transformaram e passaram a compor outros de nós da relação, que produzimos com os vários outros, em partilha, coletivamente, como as narrativas acima demonstraram esse movimento. Assim, essa reflexividade consolida-se pela “[...] consciência tanto da subjetividade como do sentido político de nossa presença no mundo”. (BRAGANÇA, 2012, p.97)

Em uma perspectiva dialógica, movida por uma conversa, envolvendo três professores pesquisadores, por meio de narrativas (auto)biográficas compartilhadas, virtualmente, encontramos a força de uma tessitura de subjetividades à luz da escrita narrativa, que foi se compondo, tridimensionalmente, gerando reflexões de um processo de *pesquisiformação* e do perceber a si, mediante a prática de uma reflexividade pulsante e da tomada de consciência dos percursos trilhados. Vejamos como se deu esse diálogo, estabelecido, polifonicamente, entre os narradores a seguir:

A partir do momento em que fui ouvida aprendi a ouvir. Compreendi que narrar é autoformação. Passei a ser uma pesquisadora da minha prática junto com as crianças, a unir estratégias e táticas através de experiências significativas conjuntas entre crianças e professora.

Ser ouvida me ensinou a ouvir.

O desejo do outro de ouvir minhas narrativas me moveu a narrar. (Narrativa, Ingrid, 06/julho/2020).

E sabe o que é mais precioso para mim, Joelson? É perceber na palavra da Ingrid, que no processo da pesquisa na qual nos encontramos, foi tão significativo para ela, o quanto foi para mim. Há algo mais importante em uma pesquisa? Não há título, não há satisfação que traduza o que hoje sinto. Perceber que a pesquisa teve uma importância real, viva, intensa, corpórea e justamente, por isso, a denominamos por: *pesquisiformação*. É como se hoje, a pesquisa fizesse jus ao nome por meio da sua palavra, Ingrid. (Narrativa, Thais, 27/agosto/2020).

Olha o sentido deleuziano habitando a nossa conversa... no que se refere a uma conexão de um fio que se entrelaça em outro e o leva a outro mais não

cessando a cadeia de ligações que se entremeia e se mistura produzindo potência e efervescência, fruto da emergência da vida pulsante como a narrativa que exala de mim, de você, de nós... bem uma educação e formação rizomática gerando multiplicidades.

Não me contive ao ler a sua narrativa... e tive que escrever uma outra para dialogar, pois me atravessou de um modo que causou uma imlosão de emoções positivas e afetações que transbordaram alguns fios nessa minha escrita narrativa.

Nossa, como o “*triálogo*” que você trouxe foi forte. Incrível mesmo... Me senti tão animado que foi uma experiência que não me lembro ainda de ter acontecido em minha vida: de conversar no plano da escrita triadicamente... ou seria numa perspectiva tridimensional? Enfim, não sei, mas vi em sua narrativa e a da Ingrid e senti pulsações que me fizeram aprender outros modos comunicativos polifonicamente.

É assim que a narrativa faz, ela não espera a hora, o lugar, o momento e o acontecimento, ela vem e emerge de dentro de mim, de nós e ganha curso na reflexão formadora e consciencial que se transmuta em nossas mãos, levada pelas memórias e a força do pensamento e da paixão/emoção que saltita de nossos espíritos... da nossa subjetividade. (Narrativa, Joelson, 27/agosto/2020).

A conversa acima foi mobilizada por itinerários de *pesquisaformação* que já vinham sendo estabelecidos em outros *espaçotempos* de encontros partilhados entre os envolvidos, em que uma das professoras (Ingrid) fez parte da *pesquisaformação* de outra docente pesquisadora (Thaís), a qual já participava do CICLOPE e que, logo depois, a convidamos para compor essa nova experiência, com um grupo de estudos realizado de forma remota.

Há um componente de reflexividade (auto)biográfica, que fomos tecendo, dialogicamente e de forma coletiva, de tal modo que, cada professor pesquisador foi percebendo outros níveis de produção de si, na tessitura de uma subjetividade que foi ganhando outras dimensões e transformações de si. Na escrita narrativa, foi possível acessar essa percepção/construção e tomada de consciência, diante dos percursos trilhados, temporalmente, entre o passado e o presente que rememora o encontro estabelecido entre ambos.

Diante da conversa propiciada entre os docentes Ingrid, Thaís e Joelson, acreditamos que cada um foi falando de si e produzindo modos de ser e estar, que se caracterizam como uma produção de subjetividades que não estavam presentes se não tivessem se materializado pelo encontro consigo e com o outro, consolidando-se, narrativamente.

O conceito de alteridade em Bakhtin (2017) pode ser representativo da experiência dialógica do encontro entre os sujeitos, no qual, desse movimento, que foi produzido em muitas linguagens (escrita, oral, imagética – praticadas, virtualmente, no caso dos encontros do CICLOPE na elaboração de narrativas, leituras e sensações compartilhadas *online* com os participantes do grupo), gerou uma transformação suscitada pelas interações, que se compuseram, de forma intersubjetiva, e que foi percebida, compreendida e refletida pelos envolvidos no processo interativo.

Cabe reforçar ainda a perspectiva do ato, como irrepitível, que se configura como uma dimensão criadora de novos pensamentos, ação e transformação de si, na composição de outras tantas subjetividades entre as pessoas envolvidas em um encontro, como partilha de saberes,

experiências e conhecimentos; permitindo a consolidação de um “tom emotivo-volitivo”, na perspectiva bakhtiniana, envolvendo “o conteúdo inteiro do sentido do pensamento na ação e o relaciona com o existir-evento singular”. (BAKHTIN, 2017, 87)

Prova disso, dessa singularização do sujeito, trazendo uma marca de si, subjetivamente, foi que cada narrativa escrita trillhou uma concepção, representação e entendimento de si e do outro, em múltiplas experiências de desenvolvimento de uma *pesquisaformação* em curso, entrelaçando a que já fora realizada com as duas docentes, e que, no momento, encontram-se envolvidas, participando de outra, com diferentes sujeitos, lugares e contextos, além de estar situada em outra temporalidade, e que, agora, compõe-se em uma nova configuração do existencial e com um *status* diferente do que estavam antes imersas a que se lançaram *a posteriori*. É com base nessa subjetividade que vai se erigindo outros tantos universos de conhecimento de si e do outro, em articulação com a realidade, com que cada sujeito está envolvido e produzindo a sua existência.

Situar a narrativa, como trampolim para se pensar os vários níveis de composição de si, em movimentos assimétricos e que vão descortinando-se, no devir, que se apresentam como possibilidades na vida, experiência e formação de cada sujeito, eis, pois, o caráter instituinte, com que se materializa e se apresenta, no contexto de uma pesquisa científica, desenvolvida no âmbito da *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica.

Pela narrativa (auto)biográfica, efetuam-se processos de singularização, promotores de criatividade produzida pelos sujeitos, em que se tecem uma busca e a descoberta de si, ultrapassando qualquer forma de engessamento e imposição identitária ou formação de um perfil, que, na verdade, vai modificando-se, paulatinamente, pelo jogo subjetivo, em que se transforma em vários *espaçotempos* da vida, experiência e *pesquisaformação*, nos quais estão engajados e se lançam, de forma desafiante, como a um devir. Assim:

[...] a narração de si faz parte de uma hermenêutica baseada na expressão de pontos de vista pelo sujeito, colocando sua experiência em palavras e narrando-a. Deve-se considerar, a partir dessa proposta, que a narrativa traduz, através dos seus modos de composição, os processos de edificação dos pontos de vista a partir dos quais o sujeito vive no mundo. (BRETON, 2020, p.1143)

Então, à medida que fomos construindo diálogos, coletivamente, também tecemos outras possibilidades de pensar sobre si, reverberando em reflexões outras entre um estado de ser e estar, que foi modificando-se com as aprendizagens, conhecimentos e formação partilhados e que permitiram fazer emergir, em nós, outras tantas subjetividades que não se faziam presentes, antes dos encontros que estabelecemos pelo CICLOPE.

Vale ressaltar que não se produz subjetividade, individualmente, mas, na articulação que o sujeito faz no mundo, com as *coisas*, acontecimentos e pessoas e que vão modificando o seu ser, fazer, saber e pensar, em um jogo de multiplicidades que vai sempre girando e conectando-se, rizomaticamente, com outras variadas experiências, que o cercam, nas quais o sujeito descortina-se.

Cabe, portanto, enfatizar esses processos intersubjetivos que vão se compondo em experiências substanciais, produzidas pelo sujeito, em articulação com os muitos, com quem estabelece relações, produzindo, assim, subjetividades, ou seja,

[...] A ordem da subjetividade é a ordem do coletivo. É o outro, no jogo agonístico das afecções, que me constitui (ainda que se ocorra o sério risco, nas relações de poder institucionalizadas, de o outro tentar me determinar, essencializar-me, delimitar-me, usurpando ou recalcando a potência que tenho de vir a ser outro de mim!). (PEREIRA, 2016, p.134)

Com base nas narrativas que, até então, trouxemos neste texto, e outras tantas que temos dos participantes do CICLOPE, compartilhadas, virtualmente, podemos asseverar que foi se produzindo uma complexidade de situações, momentos e reflexões que compuseram o tecido da vida e dos modos de nos vermos, sentirmos e pensarmos em nós e nos outros, responsivamente, em uma perspectiva bakhtiniana.

Do mesmo modo, refletimos que tecer narrativas (auto)biográficas pelos movimentos de perceber a si em diálogo, com o outro e, em partilha, tem sido um meio privilegiado, potencial e transformador em nossas vidas, neste período, em que não estamos tendo contato pessoal, pelo isolamento gerado pela pandemia. Que saibamos ressignificar a crise, que nos desloca de formas inesperadas, transformando em encontros felizes e, constituídos de aprendizagem, formação e transformação, como tem sido o CICLOPE e o que dele resultou.

4 Considerações em aberto

Entre experiências, aprendizagens e formação, o sujeito pode compor uma história de si e do mundo à sua volta, por meio das narrativas que se caracterizam como uma linguagem fundamental para instituir um processo de significação do discurso e da realidade, em que está imerso. Com a *pesquisiformação* que desenvolvemos, envolvendo professores narradores pesquisadores de todos os níveis e etapas do ensino, da Educação Infantil, Educação Básica, Educação Profissional e Tecnológica e Ensino Superior, mediadas pelos encontros coletivos do grupo CICLOPE, pudemos perceber a potencialidade do gênero da narrativa escrita, efetuando-se como uma tessitura de subjetividades que foi desbravando um universo simbólico-existencial do sujeito, ao descobrir-se em produções de si, revelando marcas do ser, fazer-se e estar na vida, profissão e formação que estavam tecendo, cotidianamente.

Em momentos de incertezas, que estamos a viver e experienciar, neste contexto da pandemia da Covid-19, a capacidade de inventividade e encontro consigo e com o outro, praticada pelos sujeitos, torna-se uma via indispensável para a manutenção dos laços afetivos e a interrelação de multiplicidades de aprendizagens e transformações que possam se consolidar pela experiência da partilha, coletivamente, de narrativas (auto)biográficas, no âmbito da educação, da pesquisa, formação e experiência profissional, trilhados em nossos itinerários percorridos.

É, nas narrativas escritas da *pesquisiformação*, que temos a possibilidade de tecer uma reflexividade (auto)biográfica que amplia e permite a construção de saberes e fazeres da experiência e formação, desenvolvidos pelos sujeitos, promovendo, assim, tessituras subjetivas que desvelam outros tantos de nós pelo encontro partilhado coletivamente. Construir narrativas (auto)biográficas, nestes tempos cada vez mais aligeirados que a modernidade nos rouba do encontro conosco e com o outro, retirando a arte da narração, como criatividade e

inventividade, como tão bem nos provoca a pensar Walter Benjamin (2012), é um modo privilegiado de nos compreendermos, por meio de múltiplas linguagens, que, de outros modos, não seriam possíveis para consolidar os processos de compreensão, reflexão e transformação de si e do meio à nossa volta, a que poderíamos nos lançar.

O desafio posto no contexto da educação, da *pesquisaformação* e da experiência é emprendermos possibilidades de construção teórica, metodológica e, ao mesmo tempo, política e epistemológica de narrativas (auto)biográficas, como tessituras de uma subjetividade pulsante e emancipatória que recupere o sujeito em sua integralidade e lhe faça ser ator e autor das suas próprias histórias, mediadas pela consciência operada em processos reflexivos que resgatem a sensibilidade, as emoções e os estados de ser e estar como capacidades transformadoras do ser humano na sociedade.

Referências

- ALVES, N. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*. n.23, Rio de Janeiro, Maio/Agosto. 2003, pp.62-74. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200005&script=sci_arttext. Acesso em: 05 jan. 2021.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. 3ªed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8.ed São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BRETON, H. Pesquisa narrativa: entre descrição da experiência vivida e configuração biográfica. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 50, n. 178, pp. 1138-1158, out./dez. 2020. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/7185/pdf>. Acesso em: 04jan. 2021.
- DELEUZE, G. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. 2.ed. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- JOSSO, M.-C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n.3, (63), pp.413-438, set./dez., 2007. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf. Acesso em: 06 jan. 2021.
- JOSSO, M.-C. *Experiências de vida e formação*. Trad. José Cláudio, Júlia Ferreira; Revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- PASSEGGI, M. C. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. *Roteiro*, Joaçaba, v.41, n.1, pp.67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267/pdf>. Acesso em: 04 jan. 2021.

PEREIRA, M. V. *Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Trad. Claudia Berliner. Revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

Recebido em: 23/02/2021

Aceito em: 15/05/2021